



# Lembranças de um velho drorista

PAUL SINGER

Especial para o "Caderno Cultural"

**Existiria hoje clima para se criar no Brasil movimentos juvenis políticos? Talvez sim, talvez não. Os tempos são muito diferentes daqueles do final da década de 40, quando os judeus de todo o mundo comemoravam a independência do Estado de Israel.**

Infelizmente, a palavra 'velho' no título não é para enfeitar. Minhas lembranças do Dror são de fato antigas, já não são muitos com os quais posso compartilhá-las. Eram os idos de 1948 — faz meio século — quando fui convidado a entrar no que na época era uma organização **chalutziana** sionista-socialista juvenil. Foi pouco antes ou pouco depois que a partilha da Palestina foi aprovada pela ONU e se proclamou o Estado de Israel. Havia compreensível euforia entre os judeus de todo mundo, inclusive em São Paulo, misturada com a preocupação pelo que poderia resultar da guerra que o novo Estado travava com os vizinhos árabes.

Evidentemente a euforia maior era dos judeus sionistas, que viam seu velho sonho se realizar, quase como compensação pelo holocausto. Mas, nem todos os judeus eram sionistas. Meus familiares, que tinham feito parte da bem assimilada comunidade judia de Viena, não eram sionistas e lembro meu tio Fritz, num rompante (ele se exaltava quando discutia comigo), dizer que Israel era uma "república de opereta". Acrescentou que só mudaria de opinião quando alguma grande potência assumisse o patrocínio de Israel. Os Estados Unidos acabaram assumindo o papel...

Minha formação judia era convencional e não me inclinava ao sionismo. Quando os rapazes e as moças de minha turma se tornaram sionistas — é aos 15 ou 16 anos que você começa se tornando isso e aquilo — eu me rebeliei e me afeiçei às convicções socialistas, que já vinha nutrindo há algum tempo. Entramos numa fase de longas discussões até que um dirigente do Dror (Bernardo Cymiring) passou a participar de nossas reuniões. Ele concordava com minhas posições socialistas e com isso abriu uma picada que me levou ao sionismo. Recordo que a presença dele (ele era 7 anos mais velho e culto) elevou o nível dos debates e acho que fiquei fascinado pela sua personalidade de líder.

O Dror estava nesta época em rápida expansão. Encontrei de imediato centenas de moças e rapazes, vindos de todos os bairros da cidade, que também tinham aderido recentemente ao Dror. Entramos em conjunto na descoberta do mundo político e, por extensão, social e econômico e de forma inteiramente autônoma. Não havia adultos para nos ensinar e enquadrar. Bernardo e sua corte eram **chaverim** e assim se portavam. Eram um pouco mais velhos e mais experientes mas eram tratados de igual para igual. Era a primeira vez na mi-



nha vida que eu tomava parte numa organização política partidária, com princípios, programa, disciplina e tudo mais. Eu estava maravilhado.

Eu estava então fazendo um curso (dado por Febus Gikovate, excelente teórico e expositor) sobre o socialismo no velho PSB, que tinha sede num prédio caindo aos pedaços, na Praça da Sé. Aproveitava também para ler furiosamente a imprensa socialista de outros países (em espanhol). Acompanhava com paixão a luta dos oprimidos do mundo todo contra a exploração etc., etc.. Eu era um expectador que de repente foi convidado a tomar parte no espetáculo. Tornei-me em poucas semanas o mais entusiasmado dos militantes. **Chaver** era o título de que mais me orgulhava.

### Nossa escola de vida

O Dror era herdeiro de uma tradição política originada no início do século, a do Poale Zion. Mas, ela tinha sido interrompida brutalmente pela guerra e pelo holocausto. Naquela altura, estávamos politicamente ligados ao Mapai, o partido de Ben Gurion e que governaria Israel nas primeiras décadas de sua existência. Era necessário reformular os princípios sionistas-socialistas para a época contemporânea e metemos a mão na tarefa com a *chutzpá* e a ingenuidade dos jovens. Faltava-nos formação e passamos a ler furiosamente.

Esta é uma das mais deliciosas lembranças do Dror. Qualquer chaverá ou chaver que você encontrasse estava lendo algum livro e pronto para trocar idéias. Uma de nossas práticas favoritas era dar longos passeios

pelo Jardim da Luz (que ficava bem em frente à nossa sede na Rua Prates), discutindo, com toda paixão de neófitos, política, economia, psicologia, filosofia, história. Lembro de nossa paixão por Romain Roland, Koestler, Borochov, Gordon, Marx, Engels, Freud e muitos outros. É claro que aprendíamos muito, com os autores lidos e uns com os outros.

Havia muita gente talentosa no Dror de São Paulo (e do Brasil), não sei se bem dotada ou estimulada pelo ambiente. Este aliás era um dos temas mais apaixonantes. Sendo um movimento educativo, a maioria dos **chaverim** um pouco mais velhos eram madrichim [guias] de **kvutzot** de mais jovens. Portanto, importava saber se cada jovem era uma página em branco, sobre a qual o meio ambiente vai traçando personalidade e caráter, ou se já nascíamos com certo potencial, que diferenciaria para todo o sempre o inteligente do burro, o ativo do preguiçoso etc.. Como socialista eu me inclinava pela primeira hipótese, enquanto várias **chaverot**, que estavam estudando pedagogia, defendiam a segunda. Até hoje esta questão está longe de ser resolvida.

Seja como for, o movimento oferecia de fato formação aos seus membros, o que outras instituições, como a família e a escola, não conseguiam. Menosprezávamos o saber formal, como burguês e inerentemente conservador. Ousávamos criticar tudo e todos, o que ajudava a formar intelectos questionadores e críticos. Também com nossas famílias as relações eram via de regra tempestuosas. Como não aceitávamos autoridade nem controle dos mais velhos, os choques eram frequentes.



Em 1950, após uma famosa reunião no Snif da Lapa, grande parte dos **chaverim** que eram universitários deixou as faculdades. A resolução se destinava a acelerar a **aliah** para, uma vez em Eretz, decidir melhor, em função das necessidades do **kibutz**, como prosseguir a formação profissional. A reação da maioria dos parentes dos que assim fizeram foi muito negativa. Alguns dos **chaverim** voltaram à universidade e pouco depois deixaram o movimento. A maioria persistiu, vários deixaram as casas. Até hoje sinto que a razão estava conosco. Era nosso dever e nosso direito decidir nosso destino. Em alguns aspectos básicos da vida, continuo drorista.

Em suma, o Dror foi nossa escola da vida. Alguns realizaram nosso ideal por inteiro: fizeram

**aliah**, foram viver no **kibutz** Bror Chail, lutaram por Israel. Não estive entre estes. Apartei-me do movimento para continuar lutando pelo socialismo no Brasil. Mas meu destino também foi traçado em boa medida pelos quatro anos que vivi no Dror. Amigos meus que passaram por esta experiência igualmente guardam as marcas do movimento em suas personalidades. Acho que fomos privilegiados. Recentemente, conversei com meu filho sobre a possibilidade de se criar no Brasil movimentos juvenis políticos e nós dois chegamos à conclusão que ela é pequena porque os tempos são outros. Lastimo que assim seja. ■

---

**PAUL SINGER** é Professor Titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP e tem 17 livros publicados